

Os Escritores da Rocha Peixoto





PREFÁCIO

A leitura e a escrita são duas faces da mesma moeda.

Cabe à escola em geral e às bibliotecas escolares, em particular, desenvolver competências nestas áreas, perseguindo a difícil missão de formar cidadãos críticos, plenamente conscientes do seu papel interventivo na sociedade em que se inserem. Ler é aprender, é saber, é conhecer, é entender para agir. A escrita é a expressão simbólica do que sentimos, do que nos vai na alma, assumindo-se, assim, como forma de intervenção primordial sobre o que nos rodeia. Este é o desafio que esta biblioteca continua a colocar à comunidade educativa da

Escola Secundária de Rocha Peixoto, e que culmina na publicação de mais uma coletânea de textos, em poesia e em prosa, da autoria de alunos, funcionários e professores desta escola. Cada um deu um pouco de si aos outros, partilhando amores, desamores, alentos, desalentos, memórias, esperanças, As palavras surgiram autónomas ou provocadas pelos professores de Língua Portuguesa, em momentos diversos: na sequência do visionamento da animação “Amenina que odiava livros”, no âmbito da Semana da Leitura ou em oficina de escrita “Contando ...”.

Os versos e a prosa foram enriquecidos pelas imagens de trabalhos desenvolvidos em Educação Visual e a conceção gráfica da capa e do interior deste projeto esteve a cargo dos alunos do Curso Profissional de Design Gráfico, do 11º ano.

Este é um projeto participado e partilhado que pretende ser cada vez mais de todos, para todos.

Albina Maia – Professora Bibliotecária





ESCALÃO
PROSA E POESIA

a



A MENINA QUE ODIAVA LER
Ana Rita Oliveira, 7ªA

Menina preguiçosa e airoso,
Que atrás do seu gato corria
Ele que nada fazia, ela que nada lia!

A menina trepava
E o livro tombava.
Quando o livro caiu
Uma personagem dali saiu,
E outras vieram a correr
de outros livros para a ver!

A menina desesperada
Sem saber onde a personagem se encontrava,
Sem saber o que fazer,
Ela decidiu pôr-se a ler.

Encantada com as histórias
Decidiu criar novas memórias.
Ficou assim a saber que
não há nada melhor do que ler!

A MENINA QUE ODIAVA LER
Ana Sofia Veitas da Silva, 7ªA

Havia uma menina
Chamada Nina
Que odiava ler.

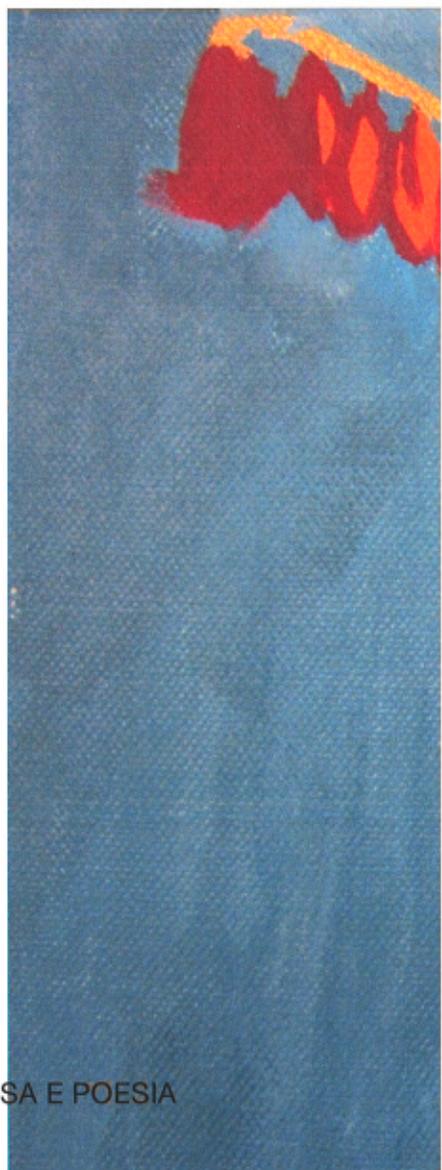
Ela não lia
Nem sequer um ponto.
Já os seus pais,
Liam muito mais do que um conto.

Certo dia, ao procurar o gato
Escorregou nos livros
E espalhou o caos no quarto:
Todas as personagens saíram do lugar
E começaram a vaguear.

A confusão era tanta
Que nada resistia:
Tudo o que lá existia
Já tinha sido destruído.

Para um grande problema,
Uma boa solução:
Ler os livros que estavam no chão.

Depois de tudo ler,
Nina descobriu o prazer
Que um livro pode trazer.



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA
Antônio Pedro Rodrigues, 7ºA

As pessoas que não gostam de ler
Vivem na solidão
Porque não têm um livro a quem dar a mão
Essas pessoas não sabem viver
Porque não gostam de aprender
Mas se um dia lhes apetecer ler
Vivem a vida com mais prazer



A MENINA QUE ODIAVA LER
Lourenço Pinheiro, 7ºA

Não gostar de ler
é uma coisa a não aprender.
Os livros trazem vida e
não morte, trazem
sinfonia e curiosidade.
Porque em vez de ter fobia
podemos ter beldade.
O livro só é vivo
quando se tem um objetivo.
Em vez de fazer nada
sempre se pode ler
um conto de fada.

MÚSICA

Inês Guimarães, 7ºA

Como posso explicar o que sinto?
Não há palavras para descrever.
É tão grande o meu amor,
Que eu mal consigo compor.

A linguagem da música
Transmite-me uma mensagem;
Só sei quando a ouço
Sinto que está de passagem.

Quando começo a cantar
Sinto o meu mundo a girar;
Dou uma volta completa
Eu vou para outro lugar.

Esse lugar é o mundo da imaginação;
É tão grande o imaginário,
Que quando acaba é apenas ilusão.
Como posso explicar o que sinto?

UM SONHO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS

Mariana Novo, 7°C

Um desejo é um sonho
Um sonho que vai crescendo
Dia após dia e dia
Sem nunca sair de mim!

Descrever tudo isto é impossível
Impossível porque não tem fim
Se não tem fim é infinito,
Isto é tão grande assim!

Um dia eu treino
No outro não me apetece.
Mas sei que tenho que ir
Pois se não, a vitória, esquece!

Umhas provas não ganho
Mas noutras sim.
E sei que esta atividade
É um desporto sem fim!

Por vezes quando me canso
Penso muito em desistir.
Mas nunca o fiz, porque se o fizer
Nunca irei conseguir!

Quando penso em desistir
O meu pensamento é negativo.
Basta não pensar nisso
E torná-lo positivo!

Este sonho pode ser real
Com treino e dedicação
Só tenho de ter esperança
E nunca dizer não!





QUEM SOU?

Paulo Gomes, 7°C

Será que sou de outro mundo?
De outra galáxia?
Será que sou imaginação
Ou só um pensamento?
Será que existo?
Será que ninguém me conhece?
Será que estou perdido
Num buraco sem fundo,
que não exista escapatória?
Só eu sei quem sou!
E tu? Sabes quem és?

O VERÃO ESTÁ A CHEGAR

Pedro Tomé Carvalho, 7°C

O sol começa a queimar no céu
E o corpo a sentir o seu calor.
É o verão que vem chegando
Felizes andamos
Em direção a uma nova estação.

O sol, a piscina, a praia...
A amizade, a diversão, a alegria...
É tempo de divertir-se, encontrar amigos,
Fugir da vida vazia.

O verão a começar,
A escola a acabar,
Deixar de estudar e pensar
A melhor parte do ano é o verão.
Que depressa vai passar!



Barzum



Matrimónio é
passado,
e protegê-lo.

NO BANCO DO JARDIM
Paulo Filipe Amorim, 8ºB

Sentado naquele banco
Especial que faz voar...
Jardim que conta histórias,
De crianças que lá vão brincar.

De caderno e caneta na mão,
Escrevo sem parar.
Conto as histórias da minha vida,
Pinto-as no ar
Com os pássaros a cantar.

Faço- o com dedicação,
Para tirar o aperto do coração.
Vejo as pessoas a passar,
Com um sorriso na cara.

Fico feliz por isso...
Do que vejo a partir
Do banco do jardim.

O SONHO

Francisca Pereira, 7°C

Acordei, num dia lindo de verão e apeteceu-me dar um passeio pela floresta.

Tanto andei, que parei e apercebi-me que estava perdida. De repente, algo muito rápido levou-me para o outro lado da floresta, até que fui contra uma árvore frondosa, bela e muito alta. Acho que era a major árvore do mundo. Nessa árvore viviam fadas, pássaros e flores Indíssimas.

Parecia um sonho!

Não conseguia perceber como tinha chegado àquele lugar mágico e encantado. Depois de muito pensar, compreendi que tinha sido transportada por uma Zebra. Era uma zebra com uns patins verdes e vermelhos; decidi conhece-la melhor e dei-lhe o nome de Anita.

Anita no era uma zebra qualquer, era especial. Era tão brincalhona, fantástica, divertida, carinhosa e fofinha que se tornou minha amiga.

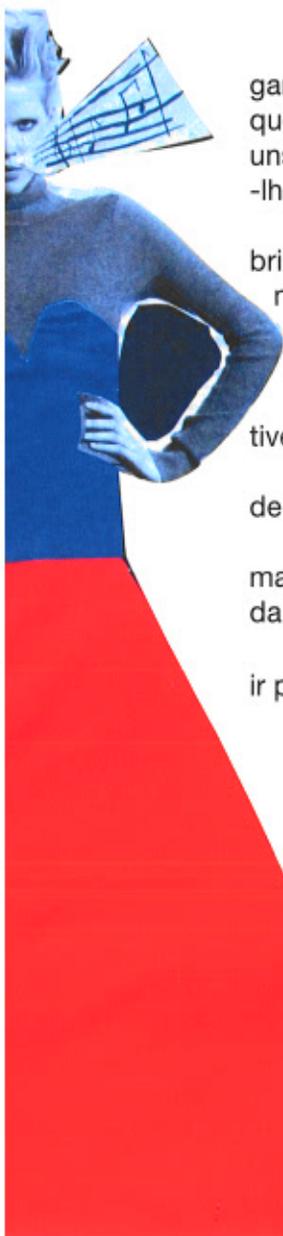
O sítio onde dormia era acolhedor e feito de troncos de árvores partidos, folhas e flores.

Todos os dias de manhãzinha, eu dava-lhe comida para tivesse uma boa alimentação.

Um dia a aventura acabou, pois o verão terminou e tinha de regressar às aulas, porque estudar é a minha "profissão".

No final do primeiro dia de aulas, recebi uma carta anónima. Abri e dentro estava uma flor com a forma de uma patinha, da minha querida Anita.

Ouvi um grito e acordei, a minha mãe chamava-me para ir para a escola. Afinal foi mesmo um sonho, pensei eu!!!



SAUDADE

Beatriz Barroso 8°C

Por vezes choro, sofro, grito,
Por vezes escapa um sorriso.
Quando me lembro daqueles momentos,
Que foram em tempos
A origem da minha felicidade.
Apenas quem ama sente saudade,
Pois o amor e a amizade
São a origem de todas as lágrimas que já caíram por sofrimento.
Sofrimento de quem perde aqueles que nunca pensaria
que iria perder.
E se sofri, como consegui eu sobreviver?
Agora não vivo, simplesmente existo,
Porque quem perde o seu sorriso, jamais viverá.
Mas, se hoje choro,
Foi porque ontem valeu a pena,
E hoje sou como um ator em cena,
Fingindo ser o que um dia já fui.
Por vezes questiono-me se vale a pena viver,
Não seria melhor poder escolher
Entre viver sem ti ou nunca ter vivido?
E a verdade
É que o tempo não cura nada,
Porque todas as feridas saram,
Mas as cicatrizes permanecem eternamente.
E o meu coração doente
Ficará sempre marcado com o teu nome.

(Para o meu Anjo da Guarda, que me ensinou mais do que
alguma vez conseguirei ensinar a alguém)

AS MINHAS MEMÓRIAS

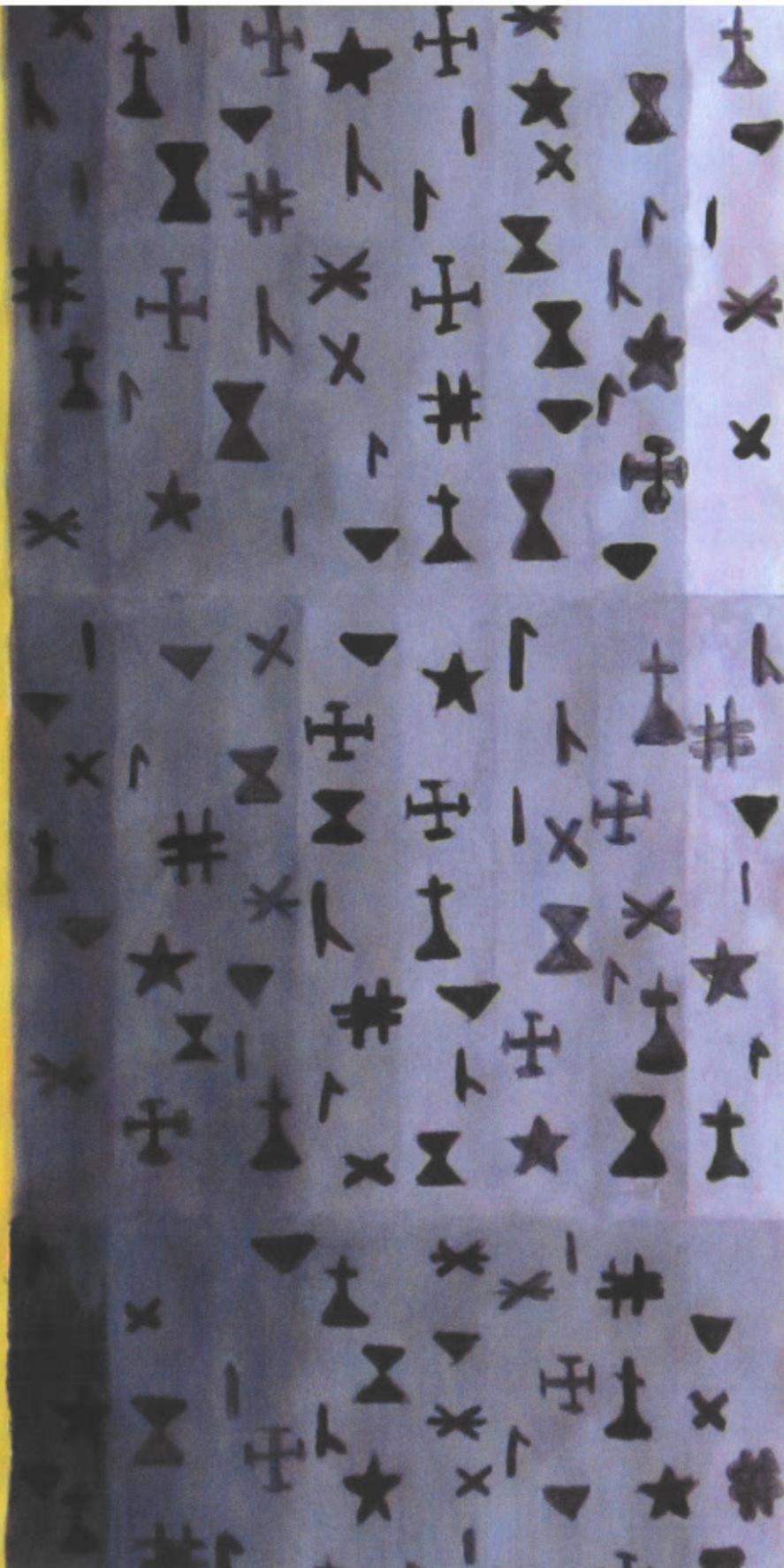
Rui Matias, 8°C

Os centros comerciais sempre me assustaram. Tenho uma relação amor-ódio com eles. Adoro-os, por serem um lugar que guarda algo de mágico e tentador, entre corredores, andares, e lojas. Porém, no meio de tanta bagunça, é extremamente fácil alguém perder-se, ficando separado do grupo e rodeado de produtos que constroem um labirinto sem solução.

Lembro-me que, quando era criança, era frequente perder-me em centros comerciais. Distraía-me, perdia a minha mãe de vista e, quando caía em mim, encontrava-me no hipermercado, ou algures entre a secções de higiene e a da charcutaria. Não havia sinal da minha mãe. Confundiam-me as pernas, os carrinhos, os cestos, as prateleiras e as vitrinas. Até a encontrar, o meu coração palpitava tanto que parecia que ia saltar para fora do peito, perdendo-se nos cruzamentos dos corredores, sendo facilmente confundido com um produto fora do sítio e sem código de barras. Depois de inúmeras e infundáveis voltas, avistava a minha mãe na secção das bolachas. Aparecia ao lado dela, sorrateiramente, na esperança de que ela não tivesse reparado que eu tinha desaparecido. Porém, ela reparava sempre, e caía sobre mim um sermão acerca da minha descuidada desatenção e sobre a minha parva mania de parar sem a avisar.

Agora, já crescido, ando no supermercado livremente, apesar de, às vezes, me perder nos terríveis labirintos de comida e traquitanas inúteis.









ESCALÃO
PROSA E POESIA

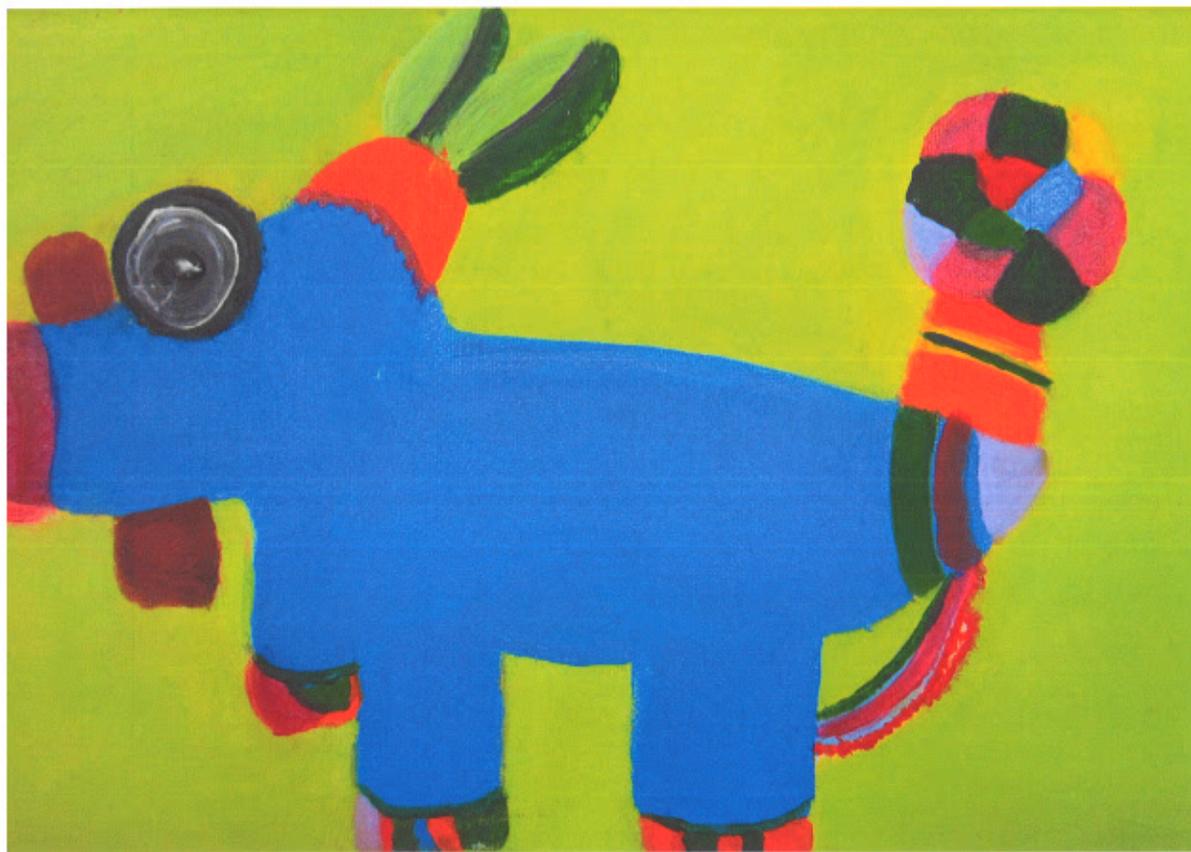
10

A LUZ DA VIDA
Marta Silva, 10ªA

O Sol nasce, o amor cresce.
O vermelho duma rosa floresce,
Como o fogo de um amor ardente.

O dia ilumina a vida
Passada ao lado da chama.
Os espinhos magoam o espírito
Que do nada avançam.

O sonho utiliza a alma
Como fonte de realização.
Através das palavras,
O Homem não surge em vão.



É TÃO BOM ESTAR CONTIGO

Arnaldo Figueiro, 11ºD

Agora tudo está bem,
Já não sinto aquele travão,
Agora estou lançado,
Tenho o mundo na minha
mão.

Sinto que a vida corre bem,
Agora que estou contigo,
Sinto-me feliz por ser o teu
homem,
Sinto-me feliz por ser o teu
melhor amigo.

A escola corre-me melhor,
Faço as coisas com alegria,
Ando com aquele sorriso
parvo,
Não quero que isto acabe um
dia.

Parece que me deram um
chupa-chupa,
E que eu sou uma criança de
quatro anos de idade,
Estou com aquele sorriso
maluco,
Que poucos entendem de
verdade.

Já não me importo quando
me mandam limpar o quarto,
Nem me importo quando me
mandam limpar a cozinha,
Sinto-me um homem novo,
Um grande futuro se adivinha.

Penso um dia casar contigo,
Ter filhos e envelhecer a teu
lado,
Sinto-me a descobrir um
novo eu,
E acho que estou a ficar en-
cantado.

Só de te ver sorrir sou feliz,
Tu és o mais importante,
És agora o meu mundo,
E assim sinto-me radiante.

Só espero que isto não seja
um sonho,
E se for que eu não acorde
nunca mais,
É tão bom estar contigo,
E passar aqueles momentos
tão especiais.

O AMOR
Inês Giesteira, 11ºD

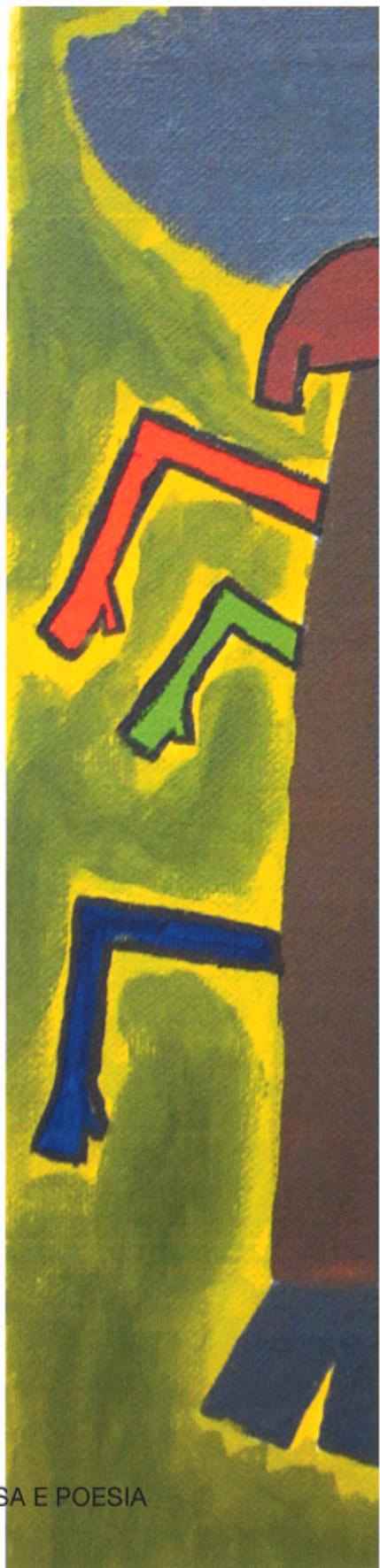
O amor é um lugar
Onde se pode sonhar.
Para o medo não há lugar,
É preciso arriscar.

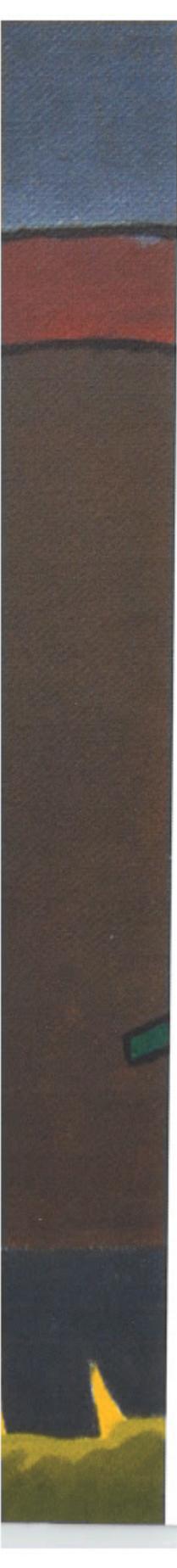
Não tenhas medo de neste mundo entrar,
Tudo pode acontecer.
Para quê imaginar,
Se o podes mesmo viver?

Podes jurar que não te vais perder,
Mas no momento em que começares a amar
Tudo vais esquecer
E o coração vais escutar.

Por vezes podes sofrer,
Mas vale a pena arriscar
Pois tu irás ver
Que este mundo vais adorar.

Onde há amor não há luta,
Mas por ele vais querer lutar.
Podes não ouvir à primeira, mas escuta
Por ti ele está a chamar...





QUERIDO EX-AMOR

Análsa Correia, 12ºA

Não descobres quem és por te olhares constantemente ao espelho,
Mas sim pelas ações que tomas.
Porém, com muita certeza te digo:
“És apenas aquele que me magoou.”

Gostava de me encontrar contigo novamente
Não para te perdoar, nem para me curar.
Mas para te mostrar o meu coração despedaçado.
Coração que parecia tão resistente à erosão.

É no escuro da noite que aparecem os “flashes” da memória
E as lembranças de momentos vividos aparecem como fotografias.
Por não saber viver de mentiras e de sonhos,
Dou por mim a chorar sem razão.

Mas como tudo na vida é breve,
E passa com um soprar do vento,
Um amor verdadeiro está a curar essa dor.

Ele ensinou- me a amar de novo, e fortemente.
Trocou as minhas lágrimas de tristeza pelas de felicidade.
Descobriu em mim tudo aquilo que menosprezaste
Fez-me sonhar de novo...

Recentemente falaram-me em amores proibidos.
Para todos esses, tenho apenas uma resposta:
Tretas! Quando se ama de verdade não há proibições
nem barreiras!
Amar não é pecado, e não há lei mais forte que o amor.

Não deixarei que a saudade me sufoque,
Nem que a rotina me incomode.
Vou respeitar a saudade quando ela por acaso chegar,
Pois é com ele que quero estar!

Um beijo para aquele que outrora foi a minha razão de viver.

FUNDIÇÃO DO AMOR

Isabel Correia e M^a Alexandra Faria, 12^oA

Muitas gotas d'água fazem chuva
Muitos grãos d'areia fazem desertos
Abraços e muitos beijos fazem amores
Trazendo-os para mais perto!

O amor tudo agarra
Quem o tem a ele fica amarrado
É navio que não sai da barra
Mas navega, mesmo parado!

Amor é orvalho da manhã
São os raios do luar
São os beijos que o amor nos dá
De manhã até ao deitar!

O amor guia os nossos passos
Para satisfazer os nossos desejos
De alguém, com muitos beijos
E cair nos seus braços!

O perdido e o fatal
O de doces gritos e ais
É quando dois amores se unem
E se unem em muitos mais!



FRAGMENTAÇÃO DA MENTE DE UMA NAÇÃO

João Gomes e Pedro Carrasco, 12ªA

Pessoa escreve
À deriva numa canoa.
Toda sua emoção
Lhe paira no coração.

Sinceridade, sim
Outros pensam que não,
Escrevendo sempre
Com intelectualização.

No desencanto da melancolia
Pessoa nasceu e morreu.
Escrita fragmentada
De um todo “eu”.

Com Auto desconhecimento,
Construiu uma infância em
fingimento.
Excessiva, talvez?
Como o coração de um bom
português

Três pessoas criou,
Com angústia em parte
Criou a sua arte.
E outras imaginou.

Com a magia das sensações,
O mestre nasceu
No fundo do abstrato
O real e objetivo concebeu.

Da abulia do tempo
Da fluidez do rio
O deprimido escrevia
Com a mente por um fio

Cheio de máquinas
Havia um que queria estar
Eufórico e contrastado
Não havia que enganar.

Por muitos outros, assinou
Na sua profunda anonimia
Com uma mente fenomenal
Que morreu em qualquer dia.

O MOMENTO

João Faria, Juliana Ferreira, 12ªA

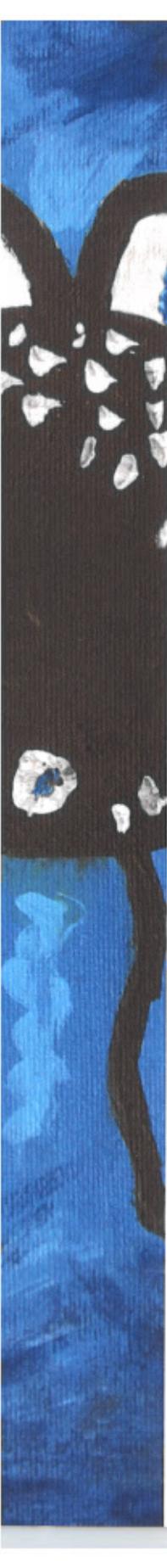
Chegou o momento que tanto temia,
O tempo para mim parou.
Tudo se resume a segundos
Em que não sei o que sinto
Se é sofrimento, tristeza
Ou alívio, pureza.

O mundo acabou,
Nada existe
Somente eu e uma luz.
Uma luz que persiste
Em não me abandonar.

A luz desaparece e tudo escurece.
Agora tudo faz sentido,
Sobreviver do reboiço
De que a vida é feita
E o fim já espreita.

Mas afinal, o fim de quê?
Aqui, não vejo um fim, mas sim um início
Início de nada e de tudo
Em que não sei porquê
Mas tudo me parece suave como veludo.





MATEMÁTICA
Mário Correia, 12ºA

Arranjos ou combinações
Relembra-nos uma infância perdida.
São como dois balões
Aquecem-nos a memória esquecida.

Esta comparação nada tem a ver
Agora surgiram as permutações.
Fazer contas é melhor que ler
Deixamos de vez as equações.

Está mais exigente a professora,
Os testes esquisitos,
Já nem uso a calculadora,
Tenho os miolos fritos.

NO MEU MUNDO
Patrícia Costa, 12ºA

Tu existes
Eu observo
Os olhos de longe
A aparência de perto.

Tudo perfeito
No imperfeito
Num olhar Sem preceito.

Na minha vida
Só tu permaneces,
Apenas tu,
E esse jeito
Frágil
De doçura e pureza
De extrema beleza.



A VIDA DE UM JOVEM

Ricardo Frasco e Sónia Lordelo, 12ºA

Sete e trinta da manhã, o despertador toca,
Mas perdido no meio do sono, adormeço.
E num instante próximo, o sossego sufoca.
Num segundo visto-me e no outro desapareço.

A escola não é o meu forte, nem o meu fraco
É o futuro na palma da minha mão.
Estudo e com orgulho por vezes destaco-me.
Não penses no fracasso, faz pela evolução.

Desafios e oportunidades aparecerão
E eu confuso sem saber quais seguir
Tantos caminhos por onde ir, mas que imensidão
Mas se errar na direção volto atrás e continuo a insistir.

O dia-a-dia torna-se uma monotonia,
Quer pelo cansaço ou pela correria.
E o facto de não desistir é esta vontade de querer mais:
Quero um futuro ainda melhor do que o desejado
pelos seus pais.

E assim é a minha vida e a de quem se foca no futuro,
A tão chamada de fácil aos olhos da sociedade:
Preocupações, arrependimentos, e por vezes
não passamos para lá do muro
Onde aí sim, poderemos baixar o nível de dificuldade.

HETERÓNIMO

Ricardo Frasco, 12ºA

Sou o Jorge Mourão,
Vim ao mundo a 3 de Setembro.
E venho aqui hoje fazer a
minha auto-caraterização
Neste mês de Dezembro.

Nascido e criado na cidade
do Porto.
A ausência do meu pai trouxe-me
algum desconforto,
Mas o meu amor filial foi
especial
Sempre tive toda a educação
fundamental.

Abandonei cedo os estudos,
Porque a minha mãe adoeceu
Só nos tínhamos um ao
outro
E o que mais temia ... aconteceu.

Dez anos depois aqui estou,
Continuo pequeno, mas com
um enorme coração
Fruto de tudo o que já passou
Pois apenas o encaro como
uma lição.

Apenas vos dei um resumo
do que já passei
Porque somos fruto do passado
Já caí muitas vezes, eu sei
Mas ergui-me e continuo
levantado.

Sou confiante e teimoso
Amoroso e amigo
Bem-educado e cauteloso
E os meus sonhos persigo.

Tenho esperança que um dia
O meu trabalho venha a ser
publicado
Agora que já passa do meio-dia
Vou almoçar aqui ao lado.

Tantas vezes me olho ao
espelho
E com a minha mãe me
comparo
Cor castanha nos cabelos,
nas bochechas um pouco
vermelho
E olhos verdes, o que por
aqui é raro.

Trabalho no ramo da hote-
laria
Porque infelizmente ainda
não me saiu a lotaria
E não paro, escrevo rimas e
rascunhos
Fruto da fé que me levou a
nunca baixar os punhos.

A VIDA EM OITO ESTROFES

Tiago Ferreira, 12ºA

Fui criado num ato impróprio
E minha mãe não me queria
aceitar,
Mas quando apareci neste
mundo,
Eu acho que ela começou a
delirar.

O tempo foi passando
E rebelde comecei a ficar,
Os velhos que por lá
passavam
Diziam que eu era um diabo,
impossível de controlar.

Acabei por encontrar a mu-
-lher da minha vida
E lá fui eu a caminho do altar,
Mas após três meses a me
aturar,
Ela acabou por se suicidar.

Comecei a beber
E a uma parede me encostei,
Até que um dia reparei
Que maluco fiquei.

Ao manicómio fui parar
E os médicos nem queriam
acreditar,
Que um tipo janota como eu,
Foi por lá acabar.

Alguns anos depois,
Acabei por sair,
Mas estava tudo tão diferente
Que parecia que eu ia
explodir.

Alguns amigos,
Aabei por arranjar,
Mas no fim do dia
Apenas me queriam matar.

Aquele ato que me criou
Só me trouxe preocupação,
Por isso arranjei um alçapão
E a corda que me enforcou.



SENTIDO DA VIDA

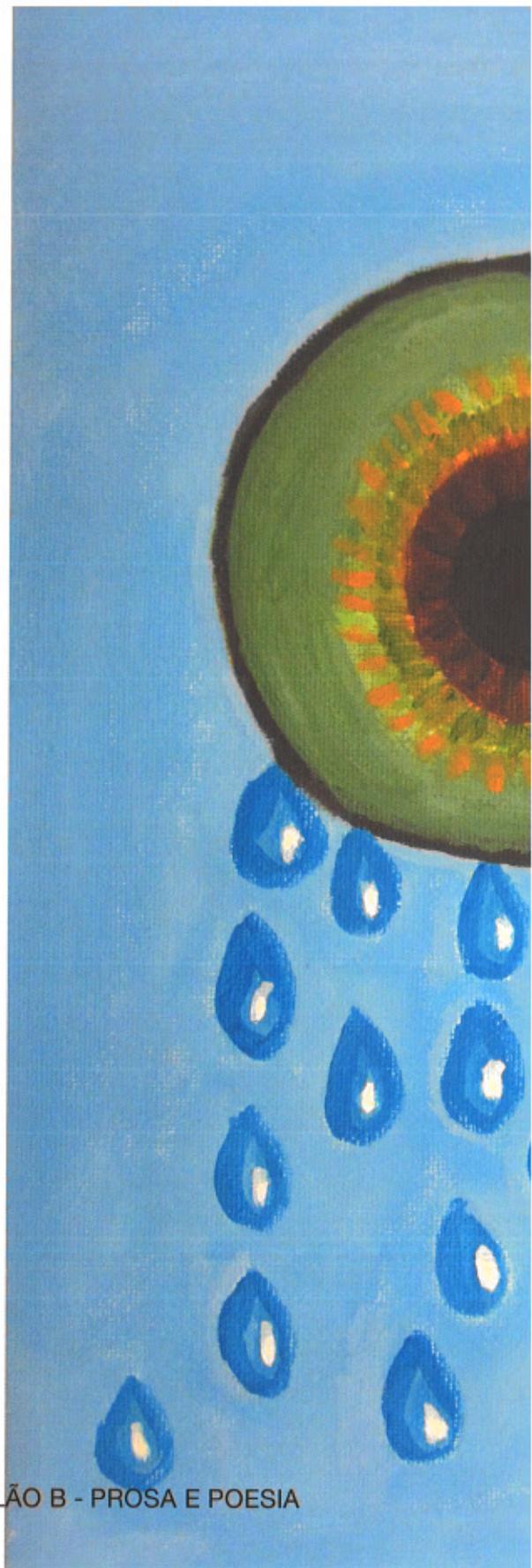
Tiago Lopes, 12ºA

A vida é como o mar
Vai e volta sem parar,
Tráz de volta o que lhe dão
Assim como a recordação.

A vida é como o deserto,
Mas ninguém o quer por perto.
É andar sem destino
É viver em desatino.

O monte é como a vida,
Sobe e desce a brincar
É como o sol que existe.
Só para nos alegrar

A vida é como uma flor
Sensível e cheia de cor
É como o nascer de um rebento,
Como este pensamento.



VERTIGEM

Sofia Brito, 12ºG

Deixa o espírito elevar-se

Sente a chuva nas pontas
dos dedos estendidos

Sente a chuva na cara
Sente a luz no peito

Este ritmo veio para te tomar
Deixa-o

Corre
Corre livre
Corre com a alma
Deixa as pernas em paz
Ou a paz nas pernas
Ou a paz na alma

Sorri
Dá graças
Ser feliz é uma decisão
Ou ação
Ou luz imparável

Sente a alma em bicos de
pés
Estende os dedos para o céu
Estende-te da terra para o
céu
Cria raízes momentâneas

Acredita

Não é a realidade da vida
que vale a pena
A magia do momento trans-
cende o concreto
O presente transcende o
passado
O futuro transcende tudo

Olha todo este abismo es-
tendido a nossos pés
Inspira-te
A vertigem do salto é a ma-
gnificiência que faz o teu
ventre vibrar
Ressoar

És brilho
E irás brilhar

TEMPO

Vanessa Cruz, 12^º

Correm em debandada os pássaros
que voam como se o amanhã
não fosse incerto.

E voam, na luz dolente
da tarde calma
como se tudo fosse ténue.

Observando pálida,
a menina de cabelo enlaçado
treme e vê o mundo.

E chora e sorri,
porque o mundo é belo e fugaz
e as aves vão-se embora.

Então, o tempo pára,
e ela fica sozinha
e o rio corre lento, andando.

Dá a mão à terra já fria,
porque o dia acaba
e porque já o tempo se foi.



POEMA
Daniela Santos, 12ºK

Em frente a um espelho
Vejo-me e revejo-me durante horas.
Um traço que diz que sou feliz,
Verdade ou não.
O sentido da vida é sempre em frente,
Por fora um grande iceberg,
Bem frio, mas lá no fundo não é assim.
Só aqui consigo avistar choros
Choros que lá fora são sorrisos
Cínicos, sem significado
Que escondem uma vida
Vida que só os espelhos sabem

Lá ao fundo, vejo sonhos
Grandes, bonitos demais
Para poderem um dia ser verdade
Mas mesmo assim, não desisto
E fico aqui pensando.



UM DIA DA MINHA VIDA

Marta Silva, 10ªA

31 de janeiro de 2013

Simplex diário:

Mais um dia a escrever nas tuas simples e suaves folhas. Estou cansada de me sentar no sofá desconfortável da sala e olhar para as paredes. É nestes momentos que posso dizer que a tristeza, a fúria e a solidão apoderam-se de todo o meu corpo. Nunca pensei chegar ao ponto de reparar em objetos simples do dia-a-dia, talvez por eles serem mesmo simples. Tempos atrás era horroroso vê-los, agora são brilho para os meus olhos. Tudo em mim se transforma. A minha mente parece que desaparece e torno-me num zombie. Penso que não acontece só comigo. Toda a gente tem momentos maus na vida, momentos em que nos sentimos desesperados. Isso está a acontecer comigo agora.

Porém, nem tudo é mau. Sinto-me feliz por te ter aqui comigo e por ter a minha caneta azul, que tanto gosto. Contigo a meu lado, sei que posso desabafar e escrever tudo o que penso, pois jamais irás julgar-me.

Sinto-me triste quando penso nele, pois sei que nunca vai reparar em mim. Porém, sinto-me eufórica quando penso nos seus olhos verdes, cristalinos e transparentes. Um sorriso verdadeiro bastava para eu sentir o calor do seu coração. Julgo-o pelas atitudes que toma, tal como faço com qualquer pessoa.

Gosto do seu sorriso, dos seus lábios.

Por vezes sinto-o frio, mas não me espanta pois não precisa de ser caloroso comigo, apesar de eu gostar que isso acontecesse.

Poderia estar aqui horas, dias a enumerar e a adjetivar tudo o que nele é bom ou mau, mas, mesmo assim, nunca chegaria a dizer tudo o que queria ou pensava. Infelizmente, ele não sente o mesmo por mim, não sente a amizade que eu gostaria de lhe dar...

Agora tenho de me despedir, tenho de ir dormir. O sono aperta e amanhã é um dia cheio. Abraços e, já sabes, ...

Mil Saudades

AMIZADE

Ana Paula Maio Gonçalves, 10º P

Palavra forte com muitos pontos fracos, sinónimo de infindáveis antónimos. Neste jogo de amigos, tudo se resume a um sim ou não, passando por um trémulo talvez e mesmo assim as certezas são poucas ou nenhuma. Quando falamos de amigos, nunca sabemos com o que contar, porque é fácil dizer o que não sente para impressionar e guardar planos maquiavélicos só para si, para que não seja descoberta a outra cara, que poucos ou nenhuns conhecem. Neste trocadilho de sentimentos, só os inteligentes conseguem criar os tais laços fortes dos quais muito se fala e pouco se sente. Além disso, a amizade ainda é algo que aquece e que esfria os corações, é algo sentimental e não físico, uma poesia de dois poetas, uma filosofia de dois filósofos, algo que se sente, mas que não podemos tocar, algo que nos deixa felizes ao ponto de chorar e que nos faz ficar tão mal dispostos, de modo a que resmunguemos por tudo. É uma contradição que se contraria, mas acima de tudo é dos sentimentos mais nobres, puros, simples e lindos que existe!



CAMINHO OBSCURO

Ana Guerreiro, 10ºP

Um dia em que todos os pensamentos me surgem na cabeça, idealizo que estou num caminho. Num longo caminho, o qual comecei a percorrer quando era mais pequena, mais indefesa, até a este preciso momento e até ao fim da jornada.

À medida que me fui crescendo, esse caminho foi-se modificando e apareceram obstáculos, uns mais fáceis de ultrapassar que outros, mas todos desafios, aos quais não consigo resistir, porque os obstáculos são para serem ultrapassados, esmagados e esquecidos. De repente, avistei um pouco mais à frente da minha caminhada de vida, uma escuridão imensa, como se não tivesse saída e mais lado nenhum por onde ir. Continuando sempre em frente, comecei a aproximar-me cada vez mais e mais. E a minha força, de um momento para o outro, desapareceu, como uma bola de sabão que rebenta. A minha confiança passou a medo e a tristeza. Medo de lá entrar e nunca mais poder voltar a sair. Parei e senti essa mesma escuridão a apoderar-se de mim, mesmo sem ter continuado em frente.

Sem uma pessoa ao meu lado, senti-me incapaz de enfrentar o meu medo, senti que o meu caminho tinha acabado.

Nesse instante, fiquei sem qualquer tipo de reação e os meus olhos automaticamente choraram. Pensei alto: "não vou conseguir, não tenho coragem para tal ato." Mas também pensei que teria de fazer um esforço. Esperei um pouco para me controlar e conseguir continuar. Quando não se pode dar a volta, tem de se enfrentar e foi o que fiz. Agora se me vou perder no meio da escuridão, se voltarei a sair, não sei.

Diz-se que só as pessoas fracas desistem, mas eu acho que isso não é verdade, porque é difícil ser sempre forte. O tempo passa, mas as memórias e as cicatrizes ficam...

PALAVRAS

Pitanga

Talvez metade do que contêm sejam meras mentiras, talvez essas mentiras sejam fruto das suas imaginações e estas, um reflexo dos seus sonhos... mas os sonhos não mentem, limitam-se a retratar a imaginação, a mentira e o pensamento.

São estas mentiras a verdade mais clara do mundo, que se apoderam da ingenuidade dos tolos que não as controlam!

Daqueles que julgam ter o poder de travar este remoinho, em que o pensamento dá voltas e voltas, à procura de uma maneira de tornar estas mentiras, numa realidade sem nexos!

Numa realidade muda e ausente de sonhos, onde não existe o poder de tudo controlar! E os tolos viram sábios de si mesmos. Os gestos e os sentimentos são meros factos, sem uma maneira de os retratar ou explicar.

As palavras formam um mundo paralelo onde as mentiras e as verdades não têm o poder de manipular e acabar com elas mesmas.

RATES



CONTANDO ... SITUAÇÃO INESPERADA

Andreia Costa, 10º M

O sol brilhava, o céu estava azul e não havia nuvens.

A praia estava cheia de gente, havia pais a brincarem com os filhos, pessoas a apanharem sol e outras a nadar.

Luísa chegou à praia com os seus pais.

Perguntaram-lhe logo se ela queria brincar, mas afirmou já ser uma miúda crescida demais para isso. Ficou a olhar para o mar, viu-o tão limpo, tão brilhante, tão bonito... Ao longe, conseguia observar os golfinhos a nadar, mas tinha medo deles, um medo inexplicável. Mesmo assim, tinha uma enorme vontade de ir para a água e começou a correr em direção ao mar. Ao sentir a onda a tocar-lhe nos pés, lembrou-se de que esta ia ser a primeira vez na sua vida que iria nadar no mar.

Tinha aprendido a nadar há um ano atrás, mas desde então, só tinha nadado na água doce das piscinas, e ficou receosa. Voltou a olhar para o mar, meia assustada, mas ele estava tão calmo que parecia uma piscina gigante, e foi isso que a fez arriscar. Começou a nadar e imaginou-se mesmo numa piscina gigante, só que desta vez não havia limites. Sentiu-se como um peixe na água. Sentiu-se orgulhosa da sua coragem, quis mostrar aos pais o seu grande feito. Mas, as coisas não correram bem.

De um momento para o outro a água começou a ficar muito agitada. Tentou ir para terra, mas já não conseguiu, pois a corrente começou a puxá-la cada vez mais, para longe da praia. Mesmo assim, tentou desesperadamente nadar, no entanto, a corrente era demasiado forte e, para além disso, não tinha qualquer experiência do mar. Naquele momento só pensou que ia morrer. Começou a chorar e entrou em pânico, esquecendo-se de mexer braços e pernas, ingerindo demasiada água. Estava a ir ao fundo quando, de repente, vindo não se sabe de onde, surgiu um golfinho que tendo-se afastado do seu grupo, nadara na sua direção. Trouxe-a para terra sã e salva, embora quase inconsciente. Quando “acordou”, os pais contaram-lhe o que tinha acontecido e desde aí, Luísa perdeu o medo que tinha deles, pois apercebeu-se que não havia motivo para tal. Foi graças a esse incidente que ela percebeu como os golfinhos são maravilhosos, e desde então eles passaram a ser o seu animal preferido.

ESCALÃO B - PROSA E POESIA





CONTANDO ... A VIDA NO MAR

Cláudia Morim, 10ºM

Praia, areia, sol e calor. Era verão.

Havia crianças a brincar na água, felizes. Os antigos da Vila do Santo, os senhores pescadores observavam-nas e recordavam os seus tempos de infância. Como o tempo passava! No dia seguinte partiriam para o mar, para mais três dias de trabalho. Assim tinham passado a sua vida e assim continuariam.

O mar era o seu ganha-pão, dele viviam.

- Prontos para mais uma viagem? – questionou o mestre, mas ninguém respondeu. Levavam com eles o seu terço, para que Deus os acompanhasse e os trouxesse de volta a casa.

Passaram os três dias e os senhores do mar estavam desejosos de voltar para as suas casas. Já faltava pouco para chegarem à costa e continuavam a rezar.

O tempo estava ruim, podia aparecer uma tempestade de um momento para o outro, e os senhores do mar temiam o pior. O medo acompanhava-os, mas a tempestade não apareceu. Começaram a avistar a costa e depressa lá chegaram...

- Eles já chegaram, já chegaram! – exclamavam as mesmas crianças que brincavam na água.

Os senhores do mar sentiam-se bem finalmente e foram ter com as suas famílias onde se sentiriam ainda melhor. Amanhã era outro dia...

CONTANDO ... A SEREIA

Daniel Viana, 10º M

Estava uma bela tarde de verão, muito calor, céu limpo, sem nenhuma nuvem e um mar calmo, típico daquela época.

Decidi sair de casa, já cansado da mesma rotina. Quebrar hábitos nunca fez mal a ninguém e fui dar um passeio pela praia, frente à minha casa.

Havia muita gente no areal e, por isso, decidi escolher um local onde não havia ninguém, para poder observar melhor o mar lindo, desse dia. Caminhei sem rumo e as horas passaram...

Estava a preparar-me para voltar para casa, quando de repente surgiu do mar um ser, uma linda mulher de olhos verdes e corpo encantador. Levantei-me e dirigi-me para ela, não sabendo se o que via era real ou a pura imaginação, de um rapaz cansado, com fome e sede, depois de um longo passeio.

Aproximei-me e tentei falar com aquela mulher-sereia, mas, pelo que percebi, aquela maravilhosa criatura não entendia nada do que eu lhe dizia ou, então, tinha vergonha ou estava tímida, algo que eu nunca cheguei a conseguir compreender.

De repente, assim como tinha surgido, a sereia desapareceu, mergulhando no mar profundo e nunca mais de lá voltou, até à data.

Por vezes, caminho até ao mesmo local onde encontrei uma única vez aquela linda sereia, na esperança de um dia a voltar a ver.

O facto é que esse "tal dia" ainda não aconteceu, para tristeza minha, mas a esperança é a última coisa a morrer.

CONTANDO ... O CARAPAU DE CORRIDA

Paulo Fernandes, 10ºM

Este conto poderia começar como todos os outros contos “Era uma vez...” e terminar com “E viveram felizes para sempre!”

Mas vamos ser diferentes desta vez.

Vou contar-vos a história de um amigo meu, o carapau.

Era um carapau com escamas brilhantes e ninguém era melhor do que ele nas corridas.

Ninguém vencia o carapau, há mais de três anos. Era sempre ele que levava a taça e o tão desejado beijo da Estrela, a estrela-do-mar. Todas as criaturas marinhas, sem exceção, na zona do penedó, ambicionavam aquele beijo, mas a estrela só tinha olhos para ele - paixão desconhecida pelo próprio carapau!

Este ano não ia ser diferente, o carapau ganhava a corrida, ficava com a taça e com o beijo...pelo menos era o que todos esperavam...

BANG!! A corrida começou, o carapau desde cedo tomou a dianteira, curvou como ninguém! Acelerou e aproveitou a corrente para maximizar a sua performance, quando, de repente viu uma sombra enorme e assustadora e ouviu os gritos dos outros peixes que se queriam libertar...mas nada pode fazer, foi levado por um arrastão! O único que sobreviveu foi o Sarra-baneco, a sardinha mais pequena do cardume, que escapou às malhas da rede.

Esta é a história de um carapau de corrida que ficou frito - literalmente - e de uma sardinha que venceu a corrida e ganhou o beijo da Estrela.

CONTANDO ... EM BUSCA DO TESOURO

Ricardo Lima, 10ºM

Quatro companheiros estavam perdidos na maior ilha do mundo, a Gigante, uma ilha com novecentos metros quadrados, de onde nunca ninguém saía com vida.

Dois dos homens eram grandes navegadores, o António e o Fernando, mas em terra eram um verdadeiro desastre.

Os outros dois eram aventureiros, verdadeiras forças da natureza e, sem eles, António e Fernando nunca teriam sobrevivido. Estavam na ilha há mais de vinte e dois dias, mas já tinham perdido a conta ao tempo, devido ao cansaço.

O motivo para lá estar era a ganância e a ideia deles era apoderarem-se de toda a riqueza da ilha.

Contava a lenda que em cada árvore daquela ilha havia um grama de ouro, e era quase impossível encontrá-lo. No entanto, estes nossos amigos tinham-no conseguido.

Depois de muito trabalho, o seu objetivo, agora que se tinham perdido, era voltar a encontrar o oceano e assim regressar a casa.

E o quase impossível aconteceu.

“Água à vista” - gritou António, assim que avistou a primeira linha de mar. Os quatro homens correram para a água e logo decidiram construir uma jangada.

Com a jangada já sobre a água, foram buscar o ouro.

Este era puro, valendo mais que o ouro normal, pesado como chumbo, era um ouro especial!

Lançaram-se ao mar, mas o peso era tanto, que a jangada ficava debaixo de água.

No final de contas, tiveram de largar quase todo o ouro, porque assim não chegariam a casa.

É como diz o ditado, “Quem tudo quer, tudo perde”.

CONTANDO ... MEU IRMÃO

Renata Barbosa, 10ºL

Já estava à espera deste dia há muito tempo; esperei dias, semanas, meses e até anos. Ia tendo contacto com ele através de cartas, mas não o via há três anos e cinquenta e seis dias, desde que ele tinha ido para Moçambique. Houve um tempo que fiquei sem receber notícias, pensava que tinha adoecido, ou até morrido, mas apenas tinha mudado de casa e perdido o meu contacto. Depois lá consegui encontrá-lo.

Partiu para Moçambique para fazer «uma coisa», uma espécie de missão. Fiquei três anos sem o ver, sem o sentir sorrir... Os meus dias sem ele foram um tormento, sem cor, sem vida, sem alegria.

(Sinto-me só, pois vivo sozinha desde que os meus pais morreram e desde que ele partiu. A minha companhia são os meus pássaros e o meu gato.)

Finalmente recebi uma carta dele, dizendo que chegava no domingo. Fui logo às compras, para ter em casa tudo o que ele mais gostava. Preparei tudo. O dia tão esperado chegou e fui esperá-lo na praia, onde passámos os melhores momentos de brincadeira.

Sentada na areia, envolta em casacos, devido ao frio tremendo que se fazia sentir, olhando a água a bater violentamente nas rochas, com as lágrimas nos olhos, pensava: «Vou morrer feliz, porque vou vê-lo antes de partir...».

Senti a sua mão a pousar-me no ombro e uma breve pergunta: «Então?»

Com um leve sorriso no rosto, levantei-me e abracei-o ternamente, dizendo: «Como estás grande, meu irmão, estava a pensar que era mais um natal sem ti, e sozinha!»

Ele apenas sorriu e abraçou-me. Fomos caminhando lentamente para casa, e parece que agora vai ser ele a cuidar de mim.

Hoje, contei-lhe da minha doença, ele começou a chorar e disse «Agora que eu cheguei, descubro que vou ficar sem ti de novo, e desta vez, é para sempre!»

SOBRE OS AMIGOS

Helena Vilas Boas de Miranda, 11ºB

É como mergulhar numa caneca de café quente, numa manhã de inverno, magicamente reconfortante, doce e alheia a preocupações, onde num ímpeto somos saciados, sem nunca transbordar, porque aquele bebericar é lento e oferece uma aprendizagem mútua que partilhamos e guardamos só para nós, numa contradição incessante.

Cuidadosamente, adicionamos açúcar, umas leves e ensurdecadoras gargalhadas que nos vão libertando de nós próprios, permitindo à colher a sua triunfal entrada em cena, bailando entre aquela massa de histórias, explorando cada gota do passado e desenhando os desejos e anseios de um futuro longínquo.

Aprendemos a bailar naquele trapézio, que mesmo sem rede de segurança, assinado e registado, nos oferece uma confiança permanente. Lentamente, viciamo-nos nesta cafeína: a sua falta deixa-nos preguiçosos e a sua presença desperta os nossos olhos para as maravilhas deste mundo.

A amizade é uma receita bastante semelhante a esta, em que as muralhas de cada indivíduo, antes impenetráveis, são dissolvidas, permitindo a partilha das riquezas que cada império possui, construindo passo a passo, novas e ainda mais valiosas experiências.

Todo este processo é insubstituível, impagável, inexplicável, tal como uma boa caneca de café quente, numa manhã de inverno.



VISITA DE ESTUDO
Helena Miranda, 11ºB

Meu caro Eça,

A luz cintila de uma forma tímida, inquieta, desajeitada, parece tentar dançar ao som dos pianos e violinos, outrora orquestrados pelos grandes mágicos da música, que deixo sibilar ao longo da sala. O ambiente é perfeito para me embrenhar novamente nessas tuas histórias, que furtam a quietude do meu pensamento e lhe concede imagens de sítios maravilhosos que deliciosamente desejo visitar.

Assim, meu caro, perante esta necessidade desconcertante, de dar uma realidade aos quadros que foste pintando nas nossas cabeças, através dessa tua prodigiosa capacidade de descrição, lá viajamos nós, estes teus conterrâneos e aprendizes do 11º ano da Secundária de Rocha Peixoto, até à terra onde Carlos da Maia, desejava ardentemente encontrar a misteriosa mulher, que o fazia andar por aquela estrada fora sob as belas árvores de Sintra, com uma doçura tamanha no seu coração!

O sol, bem, esse, ainda não tinha raiado, mas nesse 2 de abril, nem a ociosidade da interrupção para as celebrações da Páscoa foi capaz de comprometer a nossa pontualidade.

Partimos rumo a Sintra e não tardou a avistarmos aquelas imponentes serras. A subida da vila até à Pena, apesar de atribulada, deu azo a imensas gargalhadas, especialmente nas curvas e contracurvas que quase nos fizeram cambalear no autocarro, (uma espécie de caleche mas sem cavalos, meu caro Eça).

No entanto, ainda nos faltava uma breve caminhada até ao palácio. Ohhh! Formosa caminhada, por entre todas aquelas enormes árvores, arbustos e flores oriundas dos quatro cantos do mundo... Sabes, respirava-se natureza, respirava-se beleza...começávamos finalmente a entender o que descrevias, foi o que foi!

E soberba vista, aquela! Valeu todo o esforço da subida íngreme! Oh se valeu, meu caro amigo!

O Palácio fez-me mergulhar novamente nos contos de fadas que sempre ouvira.

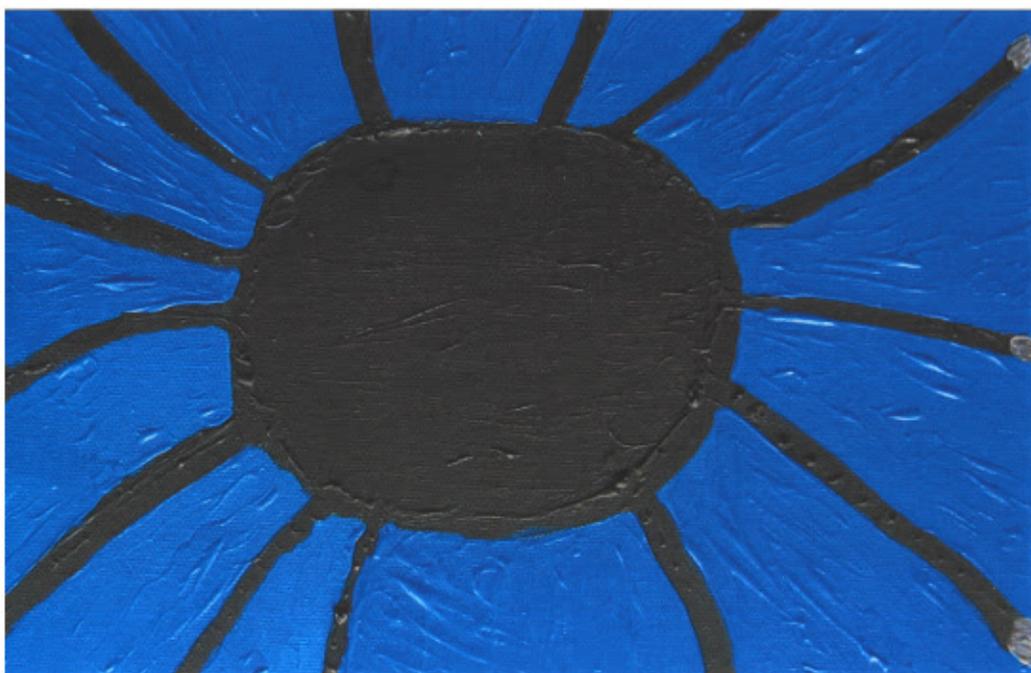
A guia, cujos olhos brilhavam ao partilhar connosco o seu conhecimento, contava-nos as maravilhosas histórias que aquelas paredes haviam albergado, onde cada delicioso pormenor havia sido pensado com mil e um significados. Confesso que acabei por ser sequestrada pelo meu imaginário, viajei no tempo, dancei naquele magnífico salão de paredes rendilhadas e partilhei com suas majestades, soirées fenomenais nas salas orientais...

Finda a visita, almoçamos sob as frondosas árvores, que nos acariciavam com uma sombra bastante agradável.

O dia estivera espantoso, o tempo estava pela primeira vez primaveril, o que permitiu uns leves passeios por aqueles bosques e pelos jardins.

A tarde reservara-nos um simpático passeio pela vila de Sintra, onde para penetrar um pouco mais nesta tua obra, o Lawrence's Hotel, foi um dos locais de paragem. Contudo, à semelhança de Carlos da Maia, não nos conseguimos cruzar com Maria Eduarda. No entanto, para nosso consolo, as queijadinhas de Sintra acabaram por vir ao nosso encontro, e fizeram-nos companhia no longo caminho até nossa casa.

Até breve, meu caro Eça



SUFOCO

Ana Luísa Brás Braga de Sá, 11ºL

Sentia-me sufocado, o ar já começava a rarear nos meus pulmões, a minha visão ficava aos poucos turva e já havia borões totalmente negros nela indicando a escuridão final que se aproximava de mim.

Não havia luz ao fundo do túnel como diziam os antigos anciões, apenas a negritude de uma noite sem estrelas e lua para iluminar o caminho dos seres noturnos, era tudo apenas e simplesmente preto...

O meu corpo perdeu as poucas forças que tinha, caindo deitado no terreno arenoso, podia ouvir, ao longe, passos apressados abafados pela areia que se estendia como um grande tapete por quilómetros e quilómetros de costa. As vozes gritando algo indecifrável para meus ouvidos que aos poucos iam perdendo a sua ligação com o cérebro.

Finalmente chegava o momento da partida, sem medo, sem dor, sem nada. Apenas não gostava do facto de ter que deixar para trás as poucas pessoas que se importavam comigo... Mas eu não aguentava, a dor e a culpa faziam-me agoniar por noites a fio, não dava mais para viver assim.

Sorri internamente quando senti alguns braços desconhecidos levantarem o meu corpo. Tinha piada pensar em como as pessoas eram incautas, umas sem noção da vida, eu queria morrer, e estava demasiado perto de alcançar o meu desejo, por isso não adiantava tentarem acordar uma alma já adormecida no leito de morte, preparado anps após anos, morrendo lentamente.

A sensação de toque foi desaparecendo... assim como o resto da consciência que me sobrava, finalmente teria o descanso merecido e não havia arrependimentos maiores, a paz impregnar-se-ia pelos poros da minha pele fazendo-me caminhar para as profundezas, convicto do fim da vida que estava a ter.

Negro era tudo o que havia em meu redor e mas a caminhar em direção a nada, porém de súbito senti choques percorrerem todo o meu corpo fazendo-me cair ao chão imaginário, caindo na inconsciência do inconsciente.



PALAVRAS COM SENTIDO

Raquel Vasques, 11ºL

Esta noite, no meio do escuro, tento encontrar algo que me alimente, de forma a fazer com que renasça desta dor que me persegue constantemente, deixando-me vazia por dentro. Entre sorrisos fictícios tento procurar alguém que me faça voltar a ser quem algum dia fui e, que me consiga levantar da queda que dei, mas nada parece ser suficientemente capaz disso ... e, nesta mesma luta, tento detetar um destino próximo que me faça sobreviver a certas coisas e atitudes que me destroem por dentro, mas nada, mais uma vez, parece dar certo. Perdi tudo num só olhar, perdi tudo num só jeito, sem me aperceber do mal que isto me estava a causar. Vendo por outra perspetiva, sinto-me vazia e culpada de tudo, por vezes queria ser forte, levantar a cabeça e seguir a minha vida contigo do meu lado, mas não tenho forças para fazê-lo, embora, por outro lado, me sinta forte e capaz, mas insegura ao mesmo tempo. Sinto que me perdi e que não há meio de me reencontrar, pois as únicas vezes que me reencontro e que sei verdadeiramente de mim é quando tu estás comigo ... Está a chover lá fora e então de maneira aco-lhedora, eu observo o céu, da minha janela para tentar encontrar alguma estrela que brilhe naquele céu escuro e cinzento, para me dizer qual o caminho certo da minha vida, mas nenhuma forma parece querer decifrar o meu destino, então, sem mais opções, baixo a cabeça lentamente e tento relembrar todos os momentos bons e menos bons pelos quais passamos. Sorrio de uma maneira única e meiga, por pensar que tenho a pessoa mais linda a meu lado, e não estou só a falar do exterior, mas sim a beleza que me transmites do teu interior, a tua pureza que me alucina e me protege como ninguém. Existem tantas pessoas, tantos sentimentos, que na maior parte das vezes, o difícil é acordar o adormecido, lutar por quem é esquecido, viver por quem é perdido, o tempo não pára, e nós vivemos numa constante da vida sem nos apercebermos do quanto a podemos aproveitar. Muito sofrimento entrou no meu coração, muita dor afetou o meu corpo (...) Mas felizmente consegui superar tudo e estar de pé!

SONS DA VIDA

Adolfo Serrão, 12ºI

A música é uma criação do Homem para o Homem, acompanhando-nos ao longo de toda a nossa vida. Transmite-nos as mais variadas sensações, sendo como que uma extensão nos nossos momentos de alegria e um conforto durante as tristezas decorrentes da nossa vida.

É algo que aglutina indivíduos constituintes das mais diversas faixas etárias: um bebé acalma ao som da melodia; a criança vibra com o ritmo; o adolescente simplesmente não vive sem música, a partir da qual constrói o seu próprio mundo de ilusão; o adulto, saudosista, recorda os seus tempos de rebeldia e “inconsciência” da adolescência, os afetos e ternura da sua infância.

A nossa vida é feita de momentos, pequenas lembranças que nos fazem recordar façanhas de outros tempos. De certa forma, assemelha-se a uma longa canção. Inicialmente, a partitura está em branco. Com a experiência vai ficando preenchida com notas que conferem ritmo, vida, cor. Ora em crescendo, ora numa toada mais calma e parada, voltando a um ritmo frenético pleno de energia. Na vida, inicialmente, o Homem não tem consciência da realidade que o envolve. Vai adquirindo-a através do contacto com os outros. Tal como na música, passa por períodos de maior emoção, que alternam com fases de uma tristeza tal, de um isolamento que é quebrado, mais tarde, por novas aventuras e alegrias.

As próprias estações do ano refletem uma composição musical, com ritmo, encadeamento e instabilidades constantes. A primavera e o verão simbolizam a fase triunfal de qualquer música: o sol brilha, a Natureza floresce, as emoções estão ao rubro. O outono e o inverno, característicos por serem tempos cinzentos, chuvosos, refletem os períodos de quebra a nível musical e emocional.

Cíclica é também a nossa existência, isto é, processa-se por múltiplas etapas mais ou menos brilhantes pautando-se pela instabilidade e pela surpresa. Toda a criação musical, artística e complexa, traduz-se, de certa forma, numa instabilidade quer para o criador, quer para o recetor. A música não é linear mas sim dinâmica.

Transmite uma força tal que não raras vezes é utilizada como motivação. Nos momentos mais dolorosos e críticos desta pauta que é a vida, a música serve-nos de guia, de esperança, de luz ao fundo do túnel. Por outro lado, glorifica, imortaliza os nossos sucessos, as nossas alegrias.

Quem, ao ouvir determinada música, nunca se lembrou daquela pessoa especial, de uma paisagem significativa ou de um momento marcante na sua vida?

Daí que a música tenha estado na origem de uma autêntica indústria de sonhos e de ídolos que habitam no coração de cada um de nós. Até poderíamos viver sem música, contudo, desse modo a vida não teria o mesmo encanto, o mesmo brilho, a mesma cor, enfim, não seria a mesma coisa...



ORGULHO

Ana Filipa, 12ºA

Pega no telefone e diz-lhe tudo o que tens a dizer, não tenhas medo do que possa acontecer. Simplesmente deixa-te levar pelo que sentes e lembra-te que nunca ninguém ganhou sem perder nada! Lembra-te também que esse vazio que tens dentro de ti, é sinónimo de saudade, daquele estranho sentimento que sentes quando te apercebes da falta que essa pessoa faz na tua vida, de quanto era especial para ti.

“Deixa o orgulho de lado e liga-lhe!”

Não fiques sem reação, à espera que a vida te traga uma resposta. Mesmo que a resposta que ouviste não tenha sido a que desejavas, mais vale chorar de tristeza por um amor perdido, do que sonhares com todas essas ilusões que tentaste conquistar.

A vida é tua e só te cabe a ti saber como vivê-la, não deixes que os outros influenciem as tuas escolhas e segue o teu caminho, porque sim, o amor é uma tentativa eterna!





ASAS PARA VOAR

Sofia Brito, 12ºG

Acima de tudo, ela sentia-se cansada.

Mesmo ali, com a força da gravidade a impelir-lhe as costas contra o solo coberto de erva molhada; mesmo ali, onde o odor puro a seiva seria o suficiente para reabilitar qualquer par de pulmões; mesmo ali, onde o céu era tão pleno que as fugazes farsas humanas revelavam-se insignificantes; mesmo ali, ela era incapaz de recobrar força suficiente para inspirar e levantar-se, separar-se do chão.

No fundo, ela estava debilitada. Sentia-se como um pássaro jovem a quem cortaram as asas com advertências excessivas. Todos pareciam ter uma opinião sobre a sua vida e o rumo que tomaria - o que lhe parecia muito irónico, visto que nem ela conseguia imaginar as aventuras que acompanhariam os anos vindouros. Claro que imaginava, sim, cenários possíveis, e todos eles traziam consigo uma série de perguntas a que os conselhos sufocantes nunca respondiam. Não importava. Ela sabia que não acreditaria neles de qualquer forma.

O que ela precisava não eram de palavras que a pusessem de sobreaviso. O que ela precisava verdadeiramente - e esta era a única certeza a que se podia agarrar sem perigo de queda - era de espaço para andar. Era de experimentar a vida por ela mesma. De se atirar de cabeça e, que Deus permitisse que cometesse erros. Muitos erros, poucos erros - os necessários. Mas sempre andando pelas próprias pernas, sem muletas construídas precariamente por experiências alheias.

E, pensando em tudo isto, ela sentou-se.

Não lhe foi tão difícil como pensara que seria. Apenas sentiu o impulso e sentou-se. Foi quase tão fácil quanto respirar - o que, no momento, não era tão fácil assim. Tudo lhe parecia requerer algum esforço inicial, mas a verdade é que a repetição dos gestos os tornava mais naturais. O peito ia inflando e abatendo com progressiva espontaneidade, e o superar desse desafio ia libertando a sua mente para outros pensamentos.

Pensamentos que foram brutalmente interrompidos quando, diante de si, surgiu um monte.

Não como se tivesse crescido do nada, mas como se sempre tivesse estado ali e ela simplesmente não o tivesse notado ainda. Mas, sem dúvida, ali estava um monte.

E foi mais por impulso que por curiosidade que ela se levantou.

Mais uma vez, o gesto que, imaginado, lhe parecera um tormento, fora quase fluído quando o desenhou na prática. Porém, esse pequeno deleite já perdera o gosto, pois a sensação de desafio dentro de si crescia a cada instante que fitava aquele acidente de relevo.

Então, soube-o: ela tinha de subir aquele monte.

Não questionou o seu comportamento, nem sequer a sua motivação. Parecia-lhe a evidência mais clara que existia: aquele monte estava ali e ela haveria de lhe ver o cimo. Meteu então caminho pelas estradas íngremes e irregulares do sopé e, chegada a meio caminho, trepou rochedos e arranhou-se até chegar ao cume.

E agora, ali estava. No topo do mundo.

Se estava insegura? Sem dúvida. Um passo em falso significava um fim sem possibilidade de socorro. Estava – talvez fatalmente – sozinha, mas isso não a incomodou. O remate precoce da sua empreitada, esse sim, incomodava-a insistentemente, como uma pontada forte no coração que cisma em ficar para companhia. Decidiu procurar uma posição mais favorável e acomodou-se, então, numa pedra mais ou menos estável.

Observou.

Dali podia ver vales, rios e ribeiros, lagos e planícies, clareiras cobertas por flores selvagens que brilhavam com mil cores. O sopro do vento agitou-se subitamente, parecendo tresspassá-la por inteiro. Levantou-se e abriu os braços, fechou os olhos e soube que, apesar de tudo, apesar de todos os arranhões que ardiam e todos os deslizos que a subida lhe custara, não havia outro lugar no mundo onde ela preferisse estar naquele momento. Voltou a abrir os olhos e inspirou, o cheiro a seiva e pedra e natureza purificando-lhe o peito.

Os perfumes longínquos das flores selvagens chegavam-lhe algo desmaiados, mas ainda assim deliciosos. Os braços ainda abertos faziam-na sentir-se bem. Completa.

A campainha tocou, despertando-a.

E, pela primeira vez desde há muito tempo, não se sentiu culpada por ter adormecido na aula depois de uma noite passada a ler, ou por não ter feito todos os trabalhos de casa, ou todas as tarefas que a mãe a incumbira de fazer, ou ouvido todas as músicas que as amigas tinham recomendado... ou feito tudo o que sentia que era necessário para – ironicamente – viver a vida ao máximo. Pela primeira vez desde há muito tempo, não se sentiu sobrecarregada pelas responsabilidades de que a aproximação da vida adulta se fazia acompanhar.

Pela primeira vez desde há muito tempo – tanto que já nem sabia quanto – inspirou e sentiu-se livre. E soube, nesse momento, que tinha acabado de recuperar as suas asas.

Estava pronta para voar.



A POESIA

Marta Pires, 12ºK

A poesia é essencial porque é uma arte histórico - temporal que retrata uma ideia, um pensamento do poeta.

Os poetas entendem-na como uma forma de vida, um refúgio. Perdendo-se no mundo real, criam um mundo abstrato, onde reinam os versos e as palavras, as rimas e as estrofes, que acabarão, ou não, por refletir o estado de espírito do poeta.

Este, ao escrever, é como se entrasse num novo mundo, onde as questões problemáticas não existem. A escrita é um lugar com ausência de dor, um sossego, repleto de benefícios para o escritor.

Como diz Fernando Pessoa, mais propriamente, Ricardo Reis, "a poesia é uma música que se faz com ideias". É escrever dizendo aquilo que nos vai na alma, com palavras, ideias, imaginação. São sentimentos, que podem traduzir-se numa bela melodia.

A poesia transmite conhecimento. Constitui uma das formas mais eficazes de progresso. A sua leitura possibilita a descoberta de novas coisas. Pode servir como ponte para a sensibilidade do leitor, para um melhor conhecimento da realidade. Esta arte transforma as pessoas, incute-lhes o conhecimento e sendo assim a vida torna-se muito mais rica com a sua presença.

Este género literário também pode ter como objetivo homenagear algum acontecimento, é uma forma de fazer lembrar aquilo que jamais deverá ser esquecido. Temos como exemplo disso a obra de Luís de camões "os Lusíadas" que retratam os feitos dos portugueses, na época dos descobrimentos, quando estes foram um povo pioneiro.

Concluindo, a importância da poesia na história de um país é enorme. Constitui um registo, não oficial, mas que atravessa séculos. Uma obra ilustre é reconhecida não num curto espaço de tempo, mas sim por muitos anos. Traduz conhecimento, melhoria de vida. Resume-se em cultura, em forma de vida.







ESCALÃO
PROSA E POESIA

C

SINTROPIA
Agostinho Serrão

Vazio ...
fecho meus olhos e que vejo?
Nada,
um nada
que me sufoca,
que me torna pesado e amargo;
um nada
que não me deixa voar
por entre a brisa do mar,
que torna opaca a mais límpida
e cristalina das águas.
Contudo,
sei que o amor me rodeia.
Muitas vezes escondido
entre palavras e gestos impensados
que me trazem frustração e desalento,
mas outras vezes
livre e contagioso,
como um vírus que se apodera de mim
e me transforma...





NUM OLHAR...
AINDA SOU TUA
Isabel Sofia Silva

Ainda sou tua...
As pessoas entram e saem
na minha vida...
Uns voltam e ficamos-lhes gratos
Outros não...
e sentimos saudades
Resta estarmos gratos,
pelos momentos que partilhamos.
Vivo o momento
- Sendo feliz!

Ainda sou tua...

Novos rumos...
Traço uma linha
no meu mar... olho-o...
No horizonte, ilimitável...
Teço uma linha,
Um fino arame
onde vivo "aquele" momento...

Ainda sou tua...

Um arco-íris surge...
Linhas de cor,
Alinhadas... Perfiladas...
Lado a lado
Traço e risco...

Ainda sou tua...

Amanhã por esta hora,
Olho-te... desenho-te...
Linha, a linha...
Momento a momento...
Ainda sou tua... fielmente
- Vida!

MOLDANDO-ME NUM SENTIR...
DE MOMENTOS QUE NOS TAPAM A NUDEZ...
Isabel sofia Silva

Preciso de sentir... | sentir o silêncio no escuro... | sentir a porta fechar em silêncio... | olhar pela janela | dizer em surdina o que não posso gritar rodeada de uma multidão de ninguém... | escrevo em passos | desenho movimentos | imprimo sentimentos | no meu palco | no momento, expreso alma e vida | no meu palco... | deixo cair o pano | o meu corpo no teu corpo... | preenches a minha alma | Em cumplicidade, | Em simbiose...

Moldando-me às tuas mãos... | sinto o bater de asas | voar e... | sentir que volto | envolta em meu pano | no aroma que me prende | deito-me nos lençóis brancos | faz tempo que não me escrevo...

Notas soltas | Palavras vãs... | Numa lista de “fins” | surge numa página nunca publicada...

Dedilhas o meu caderno | Lês a minha vida | Como quem percorre o meu corpo | Ouço uma brisa, sinto o sal a que me sabes, sabor estranho que me entranha | com as tuas palavras matas-me, suavemente... Olhaste-me, leste-me os sentimentos | subtilmente moldo-me... no teu olhar!

-ilimitável... | ilimitável a profundidade, | ilimitável a liberdade... | ilimitável a vontade de ser feliz!

-ilimitável... simplesmente!





OUTONO
Rosa Guedes

Outono em força.
Uma ventania cinzenta
Espalhou no ar, a carência
E despiu-me das folhas
rubras,
Espalhou a doença,
Mirrou toda a minha viscosi-
dade,
Crestou meu tronco,
Expôs a minha nudez ma-
dura.

E logo senti o frio,
O medo, o cansaço e a
desorientação
Outras vagas de vento polar
vieram
E tirei, de desespero eu
gelei.

Mas, porque permaneciam
intactas
Minhas raízes, confiei.
Confiei na generosidade do
universo
No seu poder regenerador
E adormeci, esperando a
primavera
Ansiando a nascente,
Acreditando na força revitali-
zadora do sol.

Como passavam lentos os
dias!
Como vagarosa era a subida
do sol!
Como se tornaram íngremes
as montanhas!
Como tudo estava além,
Muito além do agora!

Finalmente, o cansaço desa-
fiou-me o jogo dos opostos
A montanha é também
abrigo

O vento, pólen
O silêncio, paz
O tempo, força
A espera, germinação.

Confiei nesta dualidade
E embrulhada na robustez
da minha raiz,
Repousei longamente na
quietude.

Renasci devagar,
Dia após dia,
Rebento após rebento, va-
garosamente...

Aprumada e firme,
Nem dei pela retirada da dor.

E O DIA COMEÇAVA ASSIM...

Aruai

Tá, tá, tá, tá.... Era o pedal acionado da máquina de costura OLIVA, por um único pé, que se ouvia ao acordar. A partir dali, tudo era feito à voz de comando da mãe: anda, toma o leite e vai à mercearia buscar um quarto de azeitonas pretas das que o teu pai gosta, um pezinho de salsa, três cebolas pequenas e um rabo de bacalhau que não esteja muito demolido...

A mercearia era a dois passos da sua casa, mas era uma chatice ter que trazer as senhas que faziam de troco, pois a mãe resmungava sempre.

Ainda estava a pousar as compras e já a mãe corria uma lista infundável de tarefas que teria que cumprir se quisesse ir ao treino. Ela achava sempre que era um desperdício de tempo, que ela vinha cansada e, ainda por cima, se podia magoar.

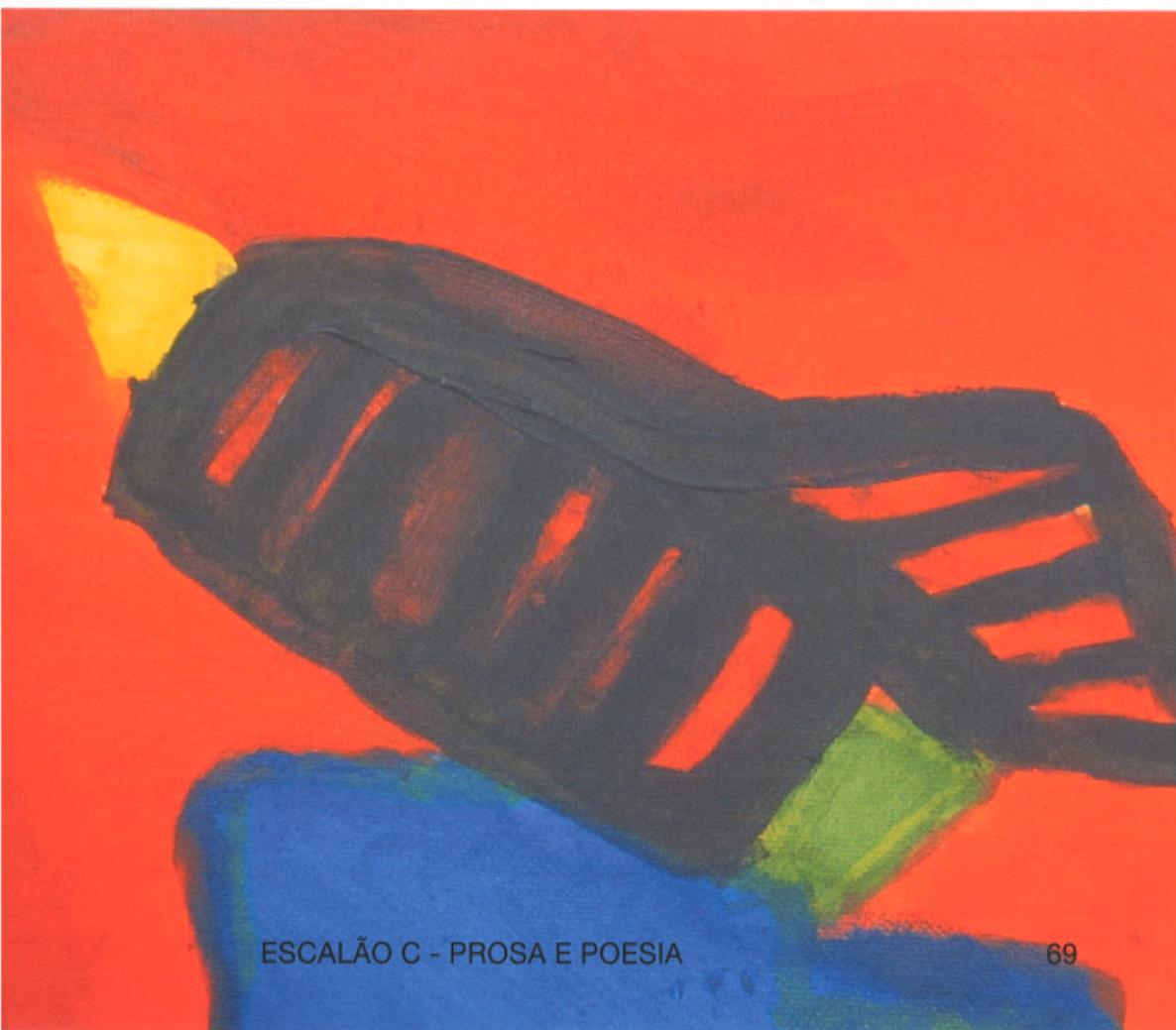
Quando regressava da escola, ela não deveria perder muito tempo a estudar. Entre entregar a roupa às freguesas, que de vez em quando davam uma gorjeta, matar uns frangos, fazer uns bolos, coser umas bainhas das saias das ciganas ou passar uns metros de folho para os aventais, sobrava tempo para tudo. Quando fazia calor ainda ia até à praia com as amigas da vizinhança. Tinha saudades da “PRAINHA NOVA”, do jogo da Lampreia, de cantar as Janeiras, dos passeios de autocarro com os vizinhos. Apesar de os destinos não serem os que ela mais gostava, anualmente o ciclo repetia-se: Tui, vinham de lá os caramelos, o Skip e o tecido para fazer os cortinados, a Senhora da Pedra, o São Bentinho da Porta Aberta, a Senhora de Fátima, Conímbriga, Coimbra e o Portugal dos Pequenitos, uma alegria para os mais novos, pois os mais velhos só se alegravam no regresso quando paravam no leitão da Bairrada.

Quando chegava a Páscoa, bem, tinham que virar a casa do avesso, a faina só terminava na sexta-feira santa quase à hora de ver o Senhor morto. Contudo a recompensa vinha no fim, quando se comprava uma rosca de pão de ló e se gozava o descanso do guerreiro.

E o Anjo?! Oh, como ela tem saudades. A canalhada saía a pé, a cantar. Os mais velhos atulhavam-se nos poucos carros que havia na vizinhança. Farnéis gigantes, mantas, garrafões, muitos petiscos e sobretudo muita fartura e muita alegria.

O dia só terminava à noitinha quando já não havia pares para formar a rodinha do “Abraço e um abracinho”. De regresso a casa, só havia tempo para lavar os pés e deitar.

A sua mãe gostava de lhe dar um futuro melhor que o seu. Gostava de a ver formada e com um emprego bom e achava que desporto não seria muito boa opção. Pelo menos não era lá um curso muito bem conceituado. Mas lá nisso a sua mãe não interferiu, deixou-a escolher e a menina cresceu e entretanto voltou à escola onde a tratam sempre muito bem.



MÃE

Luís Gonzaga

Há cerca de 4 anos atrás estava convencido que a minha mãe era um caso raro de longevidade, sabedoria e bom senso. Por esse motivo, dediquei-lhe um pequeno texto ainda escrito sem qualquer tipo de acordo ortográfico chamado “A Exceção”. Tinha acabado de fazer 86 anos e, apesar de algum declínio físico, visível sobretudo na menor destreza motora e na insuficiente capacidade auditiva, continuava a revelar capacidades invulgares para a idade.

Era o esteio sereno da minha numerosa família. Resistia, com uma força arrepiante, às circunstâncias que a vida lhe impunha, nomeadamente quando era confrontada com a morte de entes queridos. Revelava uma força interior gigantesca que se traduzia na capacidade de acarinhar quem lhe devia dar conforto. Era um rochedo sensível capaz de associar, de modo sábio, coragem e determinação com constante preocupação com o bem-estar dos outros.

Foi positiva na forma como educou, em conjunto com o pai, os descendentes. Não recorria à rigidez estúpida e ao castigo como arma, preferindo sempre o reforço e a responsabilização. Não nos mandava estudar nem marcava horas de chegada após as saídas noturnas porque era mestre na estimulação da autonomia.

Aceitou a emancipação respeitando a necessidade de espaço, preocupando-se apenas e só com o nosso bem-estar. Não nos forçava a participar nos tradicionais “almoços dominigueiros” tão frequentes em muitas famílias que se sentam semanalmente na mesma mesa apesar da intriga, da animosidade e da inveja serem, por vezes, dominantes. A expressão que mais ouvíamos era:

“Não se preocupem em me visitar. Sabendo que estais bem eu também fico bem.”

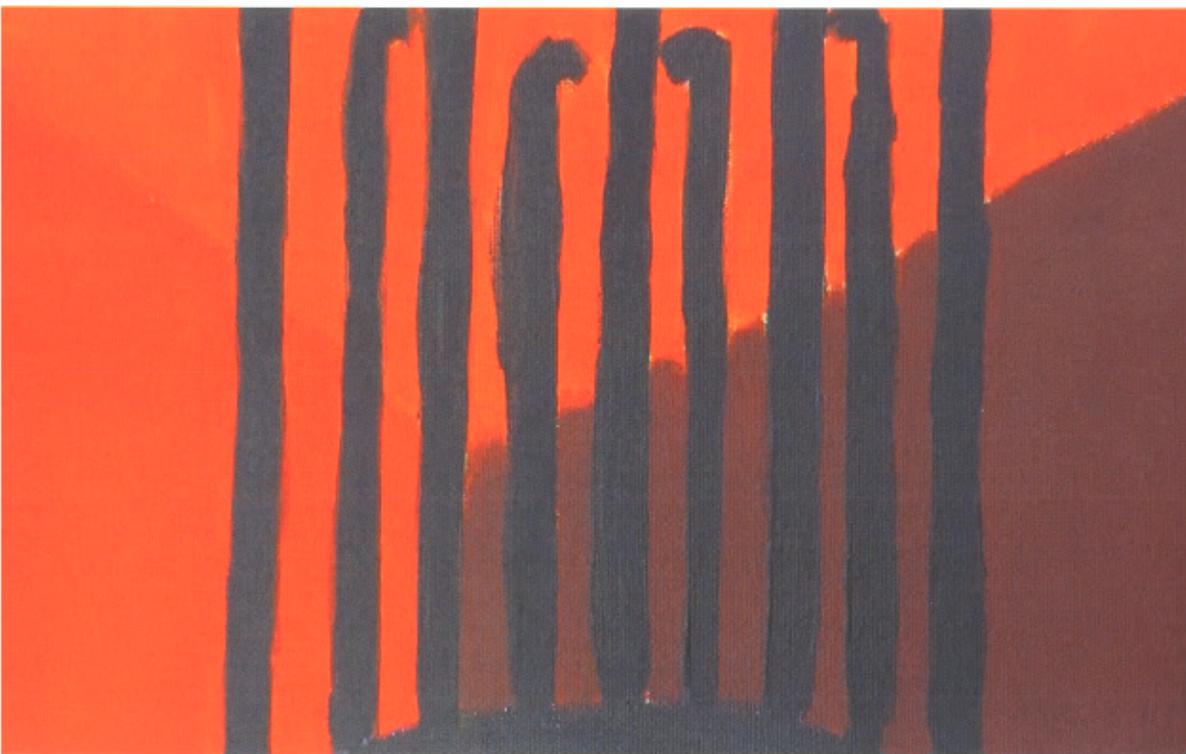
Na passada 2ªfeira, 11 de Março de 2013 faleceu, não conseguindo completar os 90 anos que seriam, de certeza, comemorados com uma grande festa. Não nos deixou muito dinheiro, imóveis ou outros tipos de bens materiais, mas ao investir na nossa educação possibilitou que todos nos defendêssemos neste mundo cada vez mais desigual e individualista.

Para além disso, e não menos importante, legou-nos valores relacionados com a solidariedade, a justiça e a discrição que fazem parte das nossas vidas e que, esperamos, se prolonguem pelas dos nossos descendentes.

Tivemos, durante décadas, um porto seguro. Mesmo sabendo que a perfeição não existe, tivemos uma mãe que, pela sua conduta, coerência, humildade e bondade se aproximou muito do que qualquer filho poderá idealizar.

Fomos uns privilegiados porque, embora mortais, os nossos progenitores conseguiram marcar-nos de uma forma bastante forte e, facto interessantíssimo, de modo complementar. O pai e a mãe foram uma equipa na verdadeira aceção da palavra. Há quem sinta alguma estranheza por lidarmos com a morte deles com tanta tranquilidade. Não é aparente. É mesmo verdade. Eles continuam cá por interpostas pessoas. Os pozinhos deles estão espalhados por todos nós e cabe-nos a tarefa de prosseguir o combate diário das “pequenas grandes coisas” que obedecem ao fio condutor das suas/nossas vidas.

Póvoa de Varzim, 16 de Março de 2013



MEMÓRIAS DA MINHA RUA

Madalena Amaro

Era uma rua alegre, pacata, airosa, com o seu casario sóbrio onde não faltavam vasos de flores às portas ou às janelas.

Debruçada sobre o rio que banhava a vila, nenhuma outra se lhe comparava gozando da sua posição estratégica e privilegiada. Alguém se lembrou um dia de retirar o cimento a algumas dessas casas, deixando à mostra as pedras das mesmas, ficando com aspeto mais triste.

Os seus moradores eram pessoas trabalhadoras e laboriosas que se levantavam ao nascer do sol para se demandarem até às fábricas que, então, laboravam na vila.

Enquanto isso, os filhos ficavam entregues a si mesmos, ou seja, à rua, jogando à bola, ao peão, ou nas brincadeiras no rio, no caso dos rapazes, ou ao escoço ou à corda, no caso das raparigas.

Assim decorriam tranquilos e serenos os dias, num convívio salutar entre a vizinhança.

De quando em vez, essa tranquilidade era quebrada por alguma rixa entre os rapazes, que resultava por vezes, numa cabeça rachada, questão normalmente resolvida entre as mães com um corte de relações temporário. Tudo normal.

Um dia, já noite dentro, essa normalidade foi alterada pelos gritos de uma mulher que, da janela de casa, gritava:

- Socorro, socorro! Acudam-me! Ladrão!

A vizinhança veio em peso para a rua toda alvoraçada, na tentativa de descobrir o que se passava. Pelos vistos, havia um homem lá dentro de casa!

Tio Zé, homem forte e corpulento morando paredes meias com a vizinha aflita, não hesita e galga os muros dos quintais indo no alcance do fugitivo, mas do ladrão nem vê-lo!

O homem parecia ter-se evaporado! Na precipitação da fuga, deixou no entanto, a marca da sua presença na casa: uma boina. Pelo que, em toda a rua ficou conhecido como "o homem da boina".

Os dias voltaram à sua normalidade e o episódio foi esquecido com a mesma rapidez com que tinha surgido.

Mas, a verdade é como o azeite: vem sempre ao de cima, diz o povo e com razão.

Um dia, surgiu a notícia inesperada que a vizinha tinha emigrado com toda a família. Para trás, deixou uma história que deu brado na rua, pois o caso do misterioso ladrão escondia um caso de adultério e que, como é óbvio, foi tema de conversa em toda a vizinhança, durante muito tempo.

Quando falavam à tia Maria, a mulher mais idosa da rua, no "homem da boina", ela ria-se à gargalhada, pressentindo ser o caso não de polícia, mas de malandrice!

Hoje, quando passo na rua em que nasci, vem-me de imediato à memória essa história e as gargalhadas da tia Maria parecem ecoar ainda nos meus ouvidos, levando-me a sentir uma certa nostalgia desses tempos em que todos eram felizes sem possuírem muito.



A BARCA

Siavon

Navegava com a costa à vista. As águas estavam, na maior parte dos dias, calmas. De tempos a tempos, os ventos, que sopravam de sul, tornavam as ondas mais agitadas, mas nada que um comando e uma tripulação experimentada não resolvesse, dando confiança e vontade de continuar aos passageiros. Os sobressaltos eram recebidos com naturalidade.

A barca percorria, numa viagem exploratória, o litoral norte durante nove meses. Nestes cruzeiros, havia tempo para uma ou outra atracagem para os passageiros usufruírem das coisas boas que, em terra, lhes eram proporcionadas. Foram anos!...

Com o decorrer dos tempos, a barca, apesar de toda a juventude que nela se abrigava, começou a apresentar algum envelhecimento no seu casco. Ainda não corria perigo de meter água que provocasse um naufrágio, mas parte da sua estrutura estava muito frágil e outra anquilosante. Era só a carcaça! Todos os que nela navegavam sentiam-se rejuvenescidos com a maresia que inebriava o convés...

Ao longe, alguém reparou naquela casca de nós que, naquele litoral incerto, navegava com tanta segurança, mas com aspeto tão envelhecido.

“Porque ainda não mete água?”

A tripulação dedicava-se com tanto amor e carinho ao seu trabalho que a rota traçada era seguida sem desvios, mesmo que os instrumentos de navegação não fossem os mais apropriados.

“Precisamos de fazer alguma coisa por aquela barca. Adiar uma profunda intervenção na sua estrutura, poderá provocar um naufrágio.”

A barca entrou no estaleiro. Arquitetos, engenheiros, artistas e operários deitaram mãos à obra.

“Está decidido. Esta barca terá de aumentar o seu calado. Vamos fazer dela uma embarcação de alto mar.”

Longos dias passaram. A barca desfigurou-se. Parecia mais um porta-contentores. É verdade que se investiram milhões na sua remodelação. É verdade que fora apetrechada com modernos instrumentos de navegação, camarins e camarotes..., mas o ar tornou-se menos agradável..., menos respirável!...

“Agora já têm um barco com calado e comprimento necessários para se aventurarem em águas mais profundas.”

E, com pompa e circunstância, a remodelada e inestética barca fora lançada a água.

Bateram-se palmas. Rasgaram-se elogios. As forças vivas, e as outras!, da terra reuniram-se em cinzento festim.

“Que maravilha!...”. “A partir de agora estamos condenados ao sucesso.” “De hoje em diante, navegar será mais fácil.”

A barca, na sua nova configuração disforme, inestética e inacabada voltou a navegar. O seu calado obrigava a uma navegação que não fosse de cabotagem. Depressa, o encanto passou a enfado. Marinheiros e passageiros suavam ou enregelavam para conseguirem manter o cruzeiro em rumo certo. Adaptação? Talvez. Mas os dias e os anos cruzavam aqueles mares e iam pondo a descoberto as fragilidades da desconjuntada e enorme jangada.

O mestre da barca sentia dificuldade em a manter equilibrada. Passava dias e dias a pensar como poderia dar um rumo adequado aquele mastodonte flutuante. Numa produção inaudita de normas e orientações, procurava dar remédio ao que cura não tinha. Para piorar a situação, ventos fortes do sul agitavam as águas provocando procelas gigantes, difíceis de suportar.

Estes ventos tomavam, tantas vezes!, rumos incertos que provocavam um turbilhão de reações.

Alguns tripulantes, já causticados por tormentas anteriores, tranquilizavam os menos experimentados, aconselhando-os a esperarem por novos ventos que dessem um rumo mais acertado ao plano inicialmente estabelecido. Porém, outros, perdidos nas súbitas tempestades, esperavam chegar a terra, e juravam nunca mais navegarem em águas tão traiçoeiras.

Mais um cruzeiro terminara. A barca atracara ao cais da memória. Em terra, uma veneranda senhora, que, tantas vezes, ao longo do ano, se aproximara da linha de água para perscrutar o horizonte e, algumas vezes, vira a barca ao longe ser engolida pela ondulação ou lambida pela borrasca, protestava junto de Deus pela sorte de todos aqueles marítima gente. A anciã, nunca esquecia a chegada da embarcação, ansiosa e angustiada!

Ao desembarque do primeiro tripulante, a idosa não resistiu e deixou escapar este desabafo:

“Eles estragam tudo, menino!”

E, jovialmente, alguém lhe retorquiu:

“E verdade. Mas enquanto a tripulação for experimentada e ajudar os mais novos, a barca aguentara”.



ABRIL

AGUAS

M

I

I

ÍNDICE

03 Prefácio

- ESCALÃO A- PROSA E POESIA
- 07 A MENINA QUE ODIAVA LER
08 A MENINA QUE ODIAVA LER
09 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA
10 A MENINA QUE ODIAVA LER
11 Música
12 UM SONHO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS
13 QUEM SOU?
14 O VERÃO ESTÁ A CHEGAR
15 NO BANCO DO JARDIM
16 SONHO
17 SAUDADE
18 AS MINHAS MEMÓRIAS

ESCALÃO B - PROSA E POESIA

- 22 A LUZ DA VIDA
23 É TÃO BOM ESTAR CONTIGO
24 O AMOR
25 QUERIDO EX-AMOR
26 FUNDIÇÃO DO AMOR
27 FRAGMENTAÇÃO DA MENTE DE UMA NAÇÃO
28 O MOMENTO
29 MATEMÁTICA
30 NO MEU MUNDO
31 A VIDA DE UM JOVEM
32 HETERÓNIMO
33 A VIDA EM OITO ESTROFES
34 SENTIDO DA VIDA
35 VERTIGEM
36 TEMPO
37 POEMA
38 UM DIA DA MINHA VIDA
-

39	AMIZADE
40	CAMINHO OBSCURO
41	PALAVRAS
42	CONTANDO ... SITUAÇÃO INESPERADA
43	CONTANDO ... A VIDA NO MAR
44	CONTANDO ... A SEREIA
45	CONTANDO ... O CARAPAU DE CORRIDA
46	CONTANDO ... EM BUSCA DO TESOURO
47	CONTANDO ... MEU IRMÃO
48	SOBRE OS AMIGOS
49	VISITA DE ESTUDO
51	SUFOCO
53	PALAVRAS COM SENTIDO
54	SONS DA VIDA
56	ORGULHO
57	ASAS PARA VOAR
60	A POESIA

ESCALÃO C - PROSA E POESIA

64	SINTROPIA
65	NUM OLHAR... AINDA SOU TUA
66	MOLDANDO-ME NUM SENTIR... DE MOMENTOS QUE NOS TAPAM A NUDEZ...
67	OUTONO
68	E O DIA COMEÇAVA ASSIM...
70	MÃE
72	MEMÓRIAS DA MINHA RUA
74	A BARCA



FICHA TÉCNICA

Título: Os Escritores Da Rocha Peixoto VII

Autoria: Escola Secundária de Rocha Peixoto

Imagens do interior: Trabalhos elaborados pelos alunos do 8º e 9º anos na disciplina de Educação Visual, orientados pela professora Isabel Braga

Técnico de Design Gráfico: Andreia Macedo [andrea_macedo16@hotmail.com]

Impressão e acabamentos: Gráfica Vilar do Pinheiro